

Coleção  Comenius

Camões e os poetas do século XVI

Marina Machado Rodrigues



MINISTÉRIO DA CULTURA



INSTITUTO PORTUGUÊS DO
LIVRO E DAS BIBLIOTECAS



Rio de Janeiro, 2006

Sumário

APRESENTAÇÃO 13

NOTA AOS LEITORES 17

Tempo e poesia 19

Dos poetas 37

Francisco de Sá de Miranda 37

Luis Vaz de Camões 41

Diogo Bernardes 51

Antônio Ferreira 53

Pêro de Andrade Caminha 58

Frei Agostinho da Cruz 65

Baltasar Estação 68

ANTOLOGIA 71

Francisco de Sá de Miranda (1481-1558) 73

1. *Alma, que fica por fazer desd'hoje* 73

2. *Amor que não fará? Fez-me enjeitar* 74

3. *Aquela fé tão clara e verdadeira,* 75

4. *Assi que me mandáveis atrever* 76

5. *Desarrezoado amor, dentro em meu peito,* 77

6. *Em tormentos cruéis, tal sofrimento, 78*
7. *Não sei qu' em vós mais vejo; não sei que 79*
8. *O sol é grande, caem co'a calma as aves, 80*
9. *Quando eu, Senhora, em vós os olhos ponho 81*
10. *Tardei e cuidoo que me julgam mal, 82*

Luis Vaz de Camões (1525?-1580) 83

1. *Alma minha gentil, que te partiste 83*
2. *Busque Amor novas artes, novo engenho 84*
3. *Cara minha inimiga, em cuja mão 85*
4. *Dai-me ũa lei, Senhora, de querer-vos, 86*
5. *Está-se a primavera trasladando 87*
6. *Eu cantarei do Amor tão docemente, 88*
7. *Ferido — sem ter cura parecia 89*
8. *Foi já num tempo doce cousa amar, 90*
9. *Grande tempo há que soube, da Ventura, 91*
10. *Lindo e sutil trançado, que ficaste 92*
11. *Males, que contra mim vos conjurastes, 93*
12. *Mostrando o tempo está variedades, 94*
13. *Na metade do Céoo subido, ardia 95*
14. *O cisne, quando sente ser chegada 96*
15. *O fogo que na branda cera ardia, 97*
16. *Oh! como se me alonga de ano em ano 98*
17. *Pede o desejo, Dama, que vos veja; 99*
18. *Pelos extremos raros que mostrou 100*
19. *Pensamentos, que agora novamente 101*
20. *Quantas vezes do fuso se esquecia 102*
21. *Que poderei do mundo já querer? 103*
22. *Quem pode livre ser, gentil Senhora, 104*
23. *Rezão é já que minha confiança 105*
24. *Se as penas que por vós, donzela ingrata, 106*
25. *Se, depois de esperança tão perdida, 107*
26. *Sete anos de pastor Jacob servia 108*

27. *Sospiros inflamados, que cantais* 109
28. *Tanto de meu estado me acho incerto,* 110
29. *Transforma-se o amador na cousa amada,* 111
30. *Verdade, amor, rezão, merecimento* 112

Diogo Bernardes (1530-1595?) 113

1. *Ágoas do claro Lima, que corria* 113
2. *Alma que nesta vida despediste* 114
3. *Eu me parto de vós, campos do Tejo* 115
4. *Horas breves de meu contentamento,* 116
5. *Não corre o Lima como de primeiro* 117
6. *Olhos de me cansar nunca cansados,* 118
7. *Quantas penas, Amor, quantos cuidados,* 119
8. *Que doudo pensamento é o que sigo,* 120
9. *Senhora, vós sois de neve, alva e fria,* 121
10. *Se poder tanto à morte defender-se* 122
11. *Se quando vos perdi, minha esperança,* 123
12. *Tanto fui os meus olhos costumando* 124
13. *Um firme coração posto em ventura,* 125
14. *Um só fado, senhora, ùa ventura* 126
15. *Verdes e baixos vales, alta serra,* 127

Antônio Ferreira (1528-1569) 128

1. *A que alçarei os olhos, pois não vejo* 128
2. *Aquela, cujo nome a meus escritos* 129
3. *Aquela nunca vista fermosura,* 130
4. *A ti torno Mondego, claro rio,* 131
5. *Bem podeis vós, Senhora, ajuntar fogo* 132
6. *Donde tomou Amor, e de qual vea* 133
7. *Dos mais fermosos olhos, mais fermoso* 134
8. *Não aparece o Sol, triste está a terra:* 135
9. *Não é minha tenção louvar aquela* 136
10. *Não Tejo, Douro, Zézer, Minho, Odiana,* 137

11. *O fogo, qu'ém meu seo guardo e crio*, 138
12. *Ó olhos, donde Amor suas frechas tira* 139
13. *Quantas vezes Amor comigo cheo* 140
14. *Se eu pudesse igualmente mostrar fora*, 141
15. *Se meu desejo só é sempre ver-vos*, 142

Pêro de Andrade Caminha (1520?-1589) 143

1. *A vontade me leva, o Amor me guia*, 143
2. *D'Amor escrevo, d'Amor falo, e canto*, 144
3. *Eu cantarei d'Amor tão novamente* 145
4. *Não foi d'Amor vingança, nem castigo* 146
5. *Nestes grandes e altíssimos penedos* 147
6. *Quanto cuidado Senhora, quanto escrevo* 148
7. *Quem nunca viu igual conformidade* 149
8. *Vai-se um mês e outro mês, um ano e outro ano*, 150
9. *Vossa estranha e divina fermosura* 151
10. *Zéfiro torna, e co ele o tempo brando*. 152

Frei Agostinho da Cruz (1540-1619) 153

1. *Aqui, Senhora minha, onde soía* 153
2. *Do Lima, donde vim já despedido* 154
3. *Do meio desta serra derramando* 155
4. *Era noite de inverno longa e fria*, 156
5. *Os versos, que cantei importunado* 157
6. *Passa por este vale a Primavera*, 158
7. *Perdi-me dentro em mim, como em deserto*, 159
8. *Que coração tão duro, seco, e frio* 160
9. *Que lugar acharei no pensamento* 161
10. *Tempo foi que pastava neste prado* 162

Baltasar Estaço (1570-?) 163

1. *Amor sublime, eterno, incompreensível*, 163
2. *Aqui onde venço a morte à vida*, 164

3. *Com bens tão desiguais como oferece* 165
4. *Costume antigo é inda hoje usado,* 166
5. *Enganosa esperança em que detenho* 167
6. *O bem que a tantos bens me convidava,* 168
7. *Passados gostos vãos, em que consiste* 169
8. *Por nossa culpa está Virgem sagrada,* 170
9. *Que guerra tão cruel trago comigo,* 171
10. *Tão alta glória é, tão deleitosa* 172

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO TEXTUAL 173

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 175

Apresentação

O livro *Camões e os poetas do século XVI*, muito bem preparado pela competência da professora universitária Marina Machado Rodrigues, com uma seleção de textos bastante representativos da poesia quinhentista, especificamente no que se refere ao soneto – gênero de forma fixa da preferência dos poetas da época –, é obra que se destina a prestar grande auxílio ao ensino da literatura portuguesa e que, daqui em diante, necessariamente fará parte de qualquer bibliografia especializada no assunto.

Como espaço de transição literária entre a Idade Média e os tempos modernos, o século de Quinhentos é realmente fundamental não apenas para a compreensão da literatura portuguesa naquele momento histórico, mas também para o melhor entendimento da evolução da língua, em intenso processo de relatinização de suas formas e de renovação técnico-formal de sua expressão literária.

Do ponto de vista lingüístico, em várias ocasiões temos tratado do assunto, sobretudo para salientar que a norma culta da língua portuguesa se constituiu, historicamente, no século XVI. Isto, nos grandes centros urbanos, onde vinha ocorrendo um conjunto de alterações quantitativas, como a ampliação do vocabulário por empréstimos lingüísticos do latim, e qualitativas, com várias alterações fonomorfofossintáticas. Pode-se até dizer que o vocabulário da língua portuguesa de então, pelo menos em estado potencial, passou a ser

o próprio vocabulário da língua latina, mediante certas adaptações morfológicas.

Por outro lado, a disseminação na língua culta de formas latinizadas iria provocar várias alterações, tanto em nível fônico – a exemplo do desenvolvimento de formas proparoxítonas, criando ritmos novos, e a exemplo ainda do aparecimento de novos grupos consonantais, próprios e impróprios – como em nível morfossintático: síncope do /d/ na desinência número-pessoal dos verbos; inovações na formação do gênero, número e grau, em especial nas formas sintéticas do adjetivo e de tipos eruditos nos substantivos; disseminação de certas preposições e locuções prepositivas, conjunções e locuções conjuntivas; introdução de formas eruditas para os numerais e de novas estruturas sintáticas calcadas no latim, com inversões até então inusitadas, ao lado de novas concordâncias e regências.

Do ponto de vista literário, as inovações técnico-formais também são de extrema importância, como o enriquecimento de gêneros e subgêneros poéticos, cultivando-se, ao lado dos tradicionais versos de redondilha (menor e maior) e do não menos tradicional verso de arte maior, o soneto, a canção, a ode, a écloga, a elegia, a oitava épica e lírica, o epigrama e as demais formas métricas de influência italianizante. Dentro do mesmo conceito de inovação técnico-formal, há a ampliação e a variedade temática nos gêneros e subgêneros poéticos, sobretudo com a verticalização do lirismo, para maior integração do plano individual ao plano da natureza. A isto são acrescentadas a revitalização e a modernização de velhos temas e tópicos, além da dimensão sincreticamente platônico-aristotélica que passa a integrar, de forma filosófica e criadora, o universo lírico da literatura.

Não se pode pensar, entretanto, que a estética do Renascimento português tenha assumido qualquer feição monolítica, conforme alguns desavisadamente crêem. No século XVI, já se disse que houve uma espécie de rosa-dos-ventos cultural, interpenetrando-se a

herança medieval espiritualizante com as formas do humanismo pagão. Aliás, a época era de reformas e contra-reformas, reagindo a Igreja Católica diante da dissolução de costumes que ameaçava a sociedade quinhentista, tudo isso construindo uma espécie de dualismo conflitual entre os prazeres mundanos e o recolhimento do espírito.

Na verdade, em Portugal, a estética renascentista, como bem demonstra a professora Marina Machado Rodrigues, já veio minada pelo espírito de dúvida próprio do maneirismo. Se as formas versificatórias mantinham sua estrutura clássica, a temática já oscilava em função de heranças tardo-góticas, segundo Weise, e do sentido contra-reformista de repopularização das artes, para fazer retornar a religião ao seio do povo, numa antecipação à própria estética barroca, como quer Hauser. Cronologicamente falando, a Contra-Reforma está mais próxima do maneirismo, arte refinada e aristocrática, sem maior comunicação com as grandes massas. Por isso, o Concílio de Trento, ao recorrer às artes como instrumento de recuperação da fé em sua programação artística, melhor se realizaria e se exprimiria ideologicamente numa arte mais popular, como foi o barroco e não o maneirismo. É disso que trata este livro, com aguda reflexão crítica e pleno conhecimento do assunto, em particular no que se refere à temática recriada pelo maneirismo da brevidade da vida e da fugacidade do tempo humano, ou então discutindo o desconcerto do mundo, a incerteza e a dúvida, além do tema da mudança no tempo fugaz. Tudo isto se reflete nos sonetos aqui reunidos, para exemplificar, com a obra poética de Camões e de seus coetâneos, toda a riqueza da poesia quinhentista, exatamente a que se encontra na raiz da própria modernidade literária.

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO